

## Travessias pedagógicas no oceano da cultura popular “alfa-verbalizar” o mundo em sala de aula

**Véronique Le Dü da Silva-Semik (IELT)<sup>1</sup>**

**RESUMO:** *No Brasil, é publicado em 1864 o A.B.C. de amor ou methodo ameno de ensinar a ler ás moças conforme o systema da escola Brasileira seguido de uma mimosa colleção de poesias amorosas e ternas extrahidas dos melhores poetas além dos dictionarios das flores, da explicação das côres e do thermometro do amor. Ali, Francisco Alves da Silva Castilho fez dialogar a pedagogia e as tradições populares: a literatura de cordel, poemas que revelam um universo botânico simbólico e as linguagens secretas. Este manual orienta as atividades em sala de aula propostas neste artigo. Aprende-se a “vocalizar” o mundo de “A à Z” mas também a integrar os saberes para criar novas estratégias lúdicas e pessoais.*

**Palavras-Chave:** *Criatividade. Abc poético. Didática. Cultura popular.*

**RÉSUMÉ:** *Au Brésil, est publié en 1864 l’ A.B.C. de amor ou methodo ameno de ensinar a ler ás moças conforme o systema da escola Brasileira seguido de uma mimosa colleção de poesias amorosas e ternas extrahidas dos melhores poetas além dos dictionarios das flores, da explicação das côres e do thermometro do amor. Francisco Alves da Silva Castilho fait dialoguer pedagogie et traditions populaires : la littérature de colportage, des poèmes ou surgissent un monde floral symbolique et les langages secrets. Ce manual inspire la création en salle de cours d’activités dans lesquelles on apprendra a “vocalizer” le monde de “A à Z” mais aussi a intégrer les savoir pour créer de nouvelles expériences ludiques et personnelles.*

**Mots-clés:** *Créativité. Abc poétique. Didactique. Culture populaire.*

**ABSTRACT:** *In Brazil, is published in 1864, the A.B.C. de amor ou methodo ameno de ensinar a ler ás moças conforme o systema da escola Brasileira seguido de uma mimosa colleção de poesias amorosas e ternas extrahidas dos melhores poetas além dos dictionarios das flores, da explicação das côres e do thermometro do amor. In this method the pedagogy have a dialogue with popular traditions: the chapbooks, poems in witch appears a symbolic floral world and secret languages. This manual inspires the creation in classroom of activities. The student learn to vocalize the world from «A to Z « but also he learns to use his knowledge to create personal and playful experiences.*

Keywords: *Criativity. Alphabetic Acrostic. Pedagogy. Popular Culture.*

### O século XIX e começo do século XX quanto à questão

1 Pesquisadora doutora do Instituto de Estudo de Literatura Tradicional da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Universidade Nova de Lisboa – Portugal (IELT).

das “mutações individuais e coletivas” foi propulsado pela velocidade e pela instabilidade. Na Europa, as novas “máquinas” colaboraram à transformação econômica, social e cultural. É o tempo da expansão e ao mesmo tempo da aproximação. Os espaços se alargam numa zona pequena com os primeiros carros e mais amplamente com o “cavalo de ferro”: o trem e o barco torna possível sair além-mar. As fronteiras culturais se estendem com a busca de trabalho<sup>2</sup> e a circulação do capital produtivo e financeiro se amplia cada vez mais aumentando a competitividade. Desenha-se neste período de mutação uma nova geografia humana e cultural que exige novas formas de sociabilidades.

Neste, período, a Europa está em pleno processo de modernização capitalista. Segundo Ortiz citado por Vivian Catenacci (CATENACCI, p.31) em “Cultura popular: entre a tradição e a transformação”, as fronteiras entre as camadas populares e a elite que ainda no século XVII não eram bem delimitadas aumentam e se reforçam pouco a pouco com a centralização do Estado. Observa-se um movimento de valorização da cultura burguesa em detrimento da cultura tradicional que desenvolve uma visão limitada reforçando a dicotomia entre modernidade e tradição e opondo a cultura da elite e a cultura do povo.

O século XIX, é um período de grandes mudanças e de grande instabilidade que exigiu novas formas de relacionamento. O “depósito de criatividades” (CATENACCI, p.31), populares é chamado pelos estudiosos europeus de folk (povo) – lore (saber). Este termo foi criado em 1846 por William John Thoms. Os românticos expressam liricamente seus sentimentos

---

2 No Chili entre 1895 e 1946, perto de 1 400 000 italianos e espanhóis entraram no território à busca de novas condições de vida. No Brasil, em 1908 chega em São Paulo o barco japonês Kasato Maru que incia a imigração japonesa. Segundo o censo de 1920, os estrangeiros representavam pouco mais de 5% da população brasileira, mas constituíam quase 18% da população do Estado de São Paulo. Buenos Aires, entretanto, teria recebido mais estrangeiros entre 1886-1934.

através dos textos tradicionais e o pensamento iluminista inscreve-os no contexto científico. No Brasil, os estudos e as coletas de folcloristas como Sílvio Romeiro, Celso de Magalhães, Couto de Magalhães motivados pela questão da identidade opunham tradição à modernidade ou ao progresso.

Em Portugal, no século XIX e começo do século XX, crescem as principais zonas urbanas como Lisboa e Porto. Os ofícios multiplicam-se. A escrita cada vez mais presente corresponde à nova geografia social urbana do século XIX e começo do século XX. Timidamente as reformas na instrução popular incentiva a alfabetização e com ela surgem as bibliotecas ambulantes e os gabinetes de leitura. Desde o século XVIII, as máquinas tipográficas são aperfeiçoadas e as tiragens crescem rapidamente mas o movimento de alfabetização foi extremamente lento. Faltavam materiais como livros impressos. As crianças muitas vezes aprendiam a ler em manuscritos. Os escreventes profissionais, os tabeliães, os parocos tomaram em mãos o ensino da leitura e da escrita. Embora o Subsídio Literário tenha sido criado pela legislação pombalina no século XVIII (1772), o ensino doméstico se preservou ainda no século XIX. Ter acesso à alfabetização dependia de ser homem ou mulher, de viver na cidade ou no campo, de ter uma situação social ou não, Justino Pereira Magalhães (MAGALHAES, Justino, 1996, p. 56) explica que em Portugal:

Viver na cidade, ser do sexo masculino e ser proprietário de bens e meios de produção próprios, bens de raiz, bens móveis em grande escala, correspondente normalmente a ser alfabetizado. Nas cidades, as esposas dos nobres e de grandes comerciantes eram geralmente alfabetizadas. Entre os médios e pequenos comerciantes, a situação era mais irregular, sendo as suas esposas vulgarmente analfabetas.

No Brasil, a alfabetização levou muito tempo para se estabelecer. Era efetuada nas grandes propriedades. Os fazendeiros davam instrução doméstica aos filhos para

integrarem os colégios religiosos onde aprenderiam a filosofia, a retórica, o latim, o francês, o inglês, o grego, a economia e o comércio. No começo do século XIX, o Estado começa a preocupar-se com a educação formal no sistema educacional primário. Em 1834, a formação das escolas normais foi promulgada e com ela a formação dos professores. Havia poucas escolas (escolas "régias") que ensinavam os 'rudimentos' como se chamava a aprendizagem da leitura, da escrita e do cálculo.

Pouco a pouco desejava-se mudar a situação visando a "modernidade" e a civilização. Iniciaram-se reflexões sobre educação. Elas entram nos debates políticos e nos debates que envolvem as mudanças socio-econômicas do país. O surgimento de uma reflexão pedagógica entre os intelectuais brasileiros nutrida pela tradução de livros estrangeiros orientava a criação de leis e de um novo modo de se transmitir a cultura e a língua. Situavam-se em cargos de destaque como na política, na imprensa, na administração, pertenciam ao corpo docente. É o momento em que se questiona sobre a reforma da instrução primária e seu acesso às camadas populares. Grupos de professores reúnem-se para discutirem sobre as novas tendências pedagógicas vindas da Europa, "criam debates educacionais a partir de 1870 e reúnem-se em agremiações. Fundam jornais como a *Instrução Pública* e a *Verdadeira Instrução Pública*, e revistas pedagógicas onde defendem a educação e a instrução popular" (PEREIRA, Kelly, <http://www.sbhe.org.br>)

Havia poucas publicações de manuais didáticos, entretanto havia muitas traduções de textos estrangeiros. Ademais, não era fácil publicar uma obra destinada às escolas. Primeiro tinha de ser "experimentada" nas escolas da Corte e depois precisava da aprovação do Conselho de Instrução que autorizava a sua publicação. Este órgão responsável de acordo com a lei de 17 de fevereiro de 1854 autorizava, designava e revia os compêndios utilizados nas escolas públicas e

particulares.

Neste período circulava o método de marcha sintética. Este método correspondia a aprendizagem da soletração (alfabeto) partindo das letras, ensinava-se o som correspondente às letras e em seguida a silabação (MORTATTI, Maria Rosário p. 6). Ao conhecer as famílias silábicas o aluno aprendia a ler as palavras formadas pelas letras e depois as frases. Em 1876, publicou-se em Portugal a *Cartilha Maternal ou Arte da Leitura* de João de Deus que orientou as mudanças na forma de ensino. O método de palavração proposto por João de Deus iniciava-se pela leitura das palavras e depois aprendia-se os valores fonéticos das letras.

Inspirado pelo pedagogo português Feliciano de Castilho, criador do *Método de Castilho* : método de aprendizagem da leitura ilustrado e silábico usado nos Açores e no Brasil a partir de 1855, o brasileiro Francisco Alves da Silva Castilho, professor de escola primária pública brasileira<sup>3</sup>, ativo no meio pedagógico carioca da segunda metade do século XIX, cria o método *Escola Brasileira para meninos e adultos* (1869)<sup>4</sup>. Ele atua como professor entre 1849 e 1887 e publica obras didáticas e

---

3 Francisco Alves da Silva Castilho foi professor público de 1849 a 1887. É natural da Freguesia de Nossa Senhora do Desterro de Campo Grande e foi nomeado professor público da instrução primária no dia 5 de fevereiro de 1849. Publicou *Methodo para o ensino rápido e aprazível de ler impresso, manuscripto e numeração, e descrever*, em 1850; *Methodo de leitura para o ensino dos meninos e adultos*, 1863; *ABC do amor, ou methodo ameno de ensinar as moças, conforme o Systema da Escola Brasileira*, 1864; *Preliminares de Grammatica*, 1864; *Grammatica pittoresca ou systema grammatical explicado pela arvore da sciencia*, 1864; *O principio da sabedoria é o temor de Deus*, 1872; *Analyse e considerações sobre o relatório da comissão dos estabelecimentos de instrução primaria do município da corte*, 1874 ; e *Manual explicativo ou methodo de leitura denominado Escola Brasileira*, 1869.

4 Neste mesmo período o pedagogo brasileiro Abílio Cesar Borges também chamado Barão de Macaúbas publica cinco obras : *O Primeiro e o Segundo livro* de leitura editado em Paris em 1866, o *Terceiro livro de leitura* produzido em Antuérpia em 1872 e 1881, e o *Quarto Livro de leitura* para uso das escolas brasileiras produzido no Rio de Janeiro, em 1890, o *Quinto* em Bruxelas, em 1894.

morais entre 1859 e 1874.

O ABC de amor ou methodo ameno de ensinar a ler ás moças conforme o systema da escola Brasileira seguido de uma mimosa collecção de poesias amorosas e ternas extrahidas dos melhores poetas além do dictionario das flores da explicação das côres e do thermometro do amor de Francisco Alves da Silva Castilho, objeto deste artigo, é peculiar. Por um lado, é dirigido às mulheres:

Tendo o autor organizado um methodo de ensinar a ler aos meninos, um outro para ensino de adultos, que ambos se acham hoje reunidos em um só livro sob o título – Escola Brasileira, pareceu-lhe incorrer uma falta sensível se esquecesse das moças que não sabem ler. Porem de tal se não descuidou ; e disto dá elle a prova por este livro que vos offerece. (CASTILHO, Francisco Alves, 1864, p. V).

Por outro, a tradição popular fundamenta a obra dialogando com os saberes pedagógicos de ensino de primeiras letras, com a poesia e diversas tradições que se neste período, se adequavam às “emotividades e sensibilidades femininas”.

### **1. O A.B.C. do amor: um Abc poético em forma de cartilha (século XIX)**

O manual de Francisco Alves da Silva Castilho é tripartido: abre com uma cartilha, continua mostrando um conjunto de textos poéticos destinados à leitura e termina com a apresentação de uma série de linguagens simbólicas. Estas linguagens pertencem a uma tradição popular peculiar veiculada no século XIX pelos manuais de cartas de amor. Inseriam-se nas coleções populares intituladas Secretários, Mensageiros ou Conselheiros dos amantes – e exerciam a função de reguladores e de

## codificadores das emotividades amorosas<sup>5</sup>.

Uma importante coleção de manuais foi publicada em editoras populares em Portugal (Porto e Lisboa). Durante o século XIX, em Lisboa e no Porto. Alguns opúsculos também chegaram ao Brasil De que modo Castilho fez dialogar a pedagogia com a cultura popular?

Abre seu método de aprendizagem da leitura com um poema extraído de um folheto de cordel que circulava no Rio de Janeiro<sup>6</sup> no qual percebe rapidamente que pode servir de apoio à sua cartilha porque é um Abc poético.

Estes versos correm por toda a parte impressos em fo-

5 Por exemplo : A.F.P., *Novissimo Secretário dos amantes. Collekção Selecta de Missivas amorosas para ambos os sexos escriptas, compiladas e traduzidas por A.F.P.. Enriquecidas de pensamentos, maximas, poesias e definições amorosas, e precedidas de um prefacio do collector*, Porto, em casa de A. R. da Cruz Coutinho, Editor, 1882; COSTA, Carlos Humberto, *Conselheiro e Mensageiro dos Amantes ou collekção de differentes modelos de cartas amorosas para ambos os sexos. Umas extrahidas de diferentes auctores, seguido d'un appendice contendo a linguagem das flores e emblema das cores. A edição augmentada com os emblemas das cores, modo de indicar os dias da semana e linguagem do amor, etc., etc, etc..* Porto, Vende-se na Livraria Portuguesa-editora de Joaquim Maria da Costa, 1886; FARIA, Julio de, *O Secretario dos amantes ou arte de namorar e ser afortunado em amar seguido do interessante idioma historico das flores em prosa e verso acrescentado com o curioso vocabulario emblematico das flores e plantas. Sexta edição correcta e consideravelmente augmentada por Carlos Soares da Costa*, Porto, Joaquim Maria da Costa, 1909; SILVEIRA, Julio, *O Novissimo Conselheiro dos amantes ou o mais completo secretario amoroso publicado até hoje contendo declarações d'amor e respostas; pedidos para entrevistas; pedidos de casamento e respostas; cartas de ciumes. Lagrimas e muitas poesias acerca do amor. Jogos amorosos. Telegraphia de namorados por meio de lenços; modos de marcar horas para entrevistas. Signaes telegraphicos para os que namoram, etc., etc. (esta parte é para os envergonhados). Linguagem das flores, etc.etc.,* Porto, 1882; SORJAS, *Dois curiosos A.B.C. dos namorados recolhidos da tradição popular de Candido Seabra e seguido da Nova designação das plantas e flores. Aumentado com o Noivado do Sepulcro de Soares de Passos*, António da Silva Santos & C.<sup>a</sup>, Bazar Feninano, 8<sup>o</sup> edição Porto, s.d. ; FERREIRA, Sebastião José, *Novo abece dos amores ou Janota Camponez, Preso a sua amante com a chave dos dous corações*, Typographia de Sebastião José Ferreira & Filho, Porto, 1<sup>o</sup> edição, 1853 ; FERREIRA, António José dos Santos, *O A.B.C. dos amores ou arte de conversa rem forma de verso, offerecido à mocidade d'ambos os sexos*, Typographia de S. J. Ferreira, Porto, 1852 ; BELMIRO (cantor do Douro), *Novo A.B.C. dos amores dobrado. Novissima edição augmentada offerecida à mocidade de ambos os sexos*, Lovraria Portuguesa-editora, s.d..

6 Nota do autor.

lhinhas e andam por isso na boca do vulgo que lhe acha chiiste e merecimento. No mesmo sentido poder-se-hia fazer um abc poético mais conceituoso, é verdade, porém aqui está já trabalho feito ; e sendo elle muito apropriado e adaptável a este methodo de leitura, aproveitei-o para o ensino mnemonico das letras que será praticado conforme o metodo denominado – Escola Brasileira. (CASTILHO, Francisco Alves, 1864)

De fato, este mesmo poema já “corria na boca do “povo” no século XVIII<sup>7</sup> em Portugal com o título *É um A.B.C. que fez um homem da Arábia fugindo-lhe uma mulher com quem tratava depois de andar amancebado 10 anos em uma madrugada*. O manuscrito está incompleto. Outra versão intitulada o *A.B.C. do frade* coletada oralmente no Brasil na região do Crato, no Ceará, foi publicada posteriormente à obra de Castilho por José Rodrigues de Carvalho no *Cancioneiro do Norte* em 1903<sup>8</sup>.

Transportada pelas vozes que o pronunciaram, a obra poética atravessou dois séculos adaptando-se às novas realidades individuais, linguísticas, culturais e aos modelos de publicação como, por exemplo, os que são impressos na literatura de cordel. Uma análise pormenorizada das três versões mostra claramente suas “movências” e a criação dos seus coautores (SEMIK, Véronique, <http://www.mshs.univ-poitiers.fr>) e a força mnemotécnica da estrutura alfabética – observada também pelo pedagogo.

O *A.B.C. de amor* é um A.B.C. de cordel, ou seja, um Abc poético impresso no contexto da literatura de cordel. Sua forma é mnemônica porque o texto poético vive através do caminho estabelecido pelo alfabeto e se inscreve na memória. As letras de “A à Z” ou mesmo

7 “É um A.B.C. que fez um homem da Arabia fugindo-lhe uma mulher com quem tratava depois de andar amancebado 10 anos em uma madrugada”, In: *Collecção de varios papeis curiosos de varias epochas e assuntos, Cod. 1123456*, fl. 251, Ms. XVIIIe s. Poema inédito coletado na Biblioteca Nacional de Lisboa

8 “A.B.C. do Frade”, In: CARVALHO, J. Rodrigues de, *Cancioneiro do Norte*, Paraíba do Norte, Livraria São Paulo, 1928, pp. 317-324.



de "A à Til<sup>9</sup>" organizam o poema criando uma "estética alfabética" que se desenvolve a cada obra. Ao ouvinte e ao leitor é dado um tempo limitado onde encontrarão sequências repetitivas, jogos de letras e de sentido. Ao autor lhe é autorizada uma liberdade relativa. Ele pode omitir (ausência de letra), repetir (uma ou várias letras), inverter as letras (mudança de ordem habitual do alfabeto) ou acrescentar sinais de abreviações ou de pontuação. A sequência alfabética pode formar estrofes regulares, versos ou simplesmente enumerar palavras assumindo três funções: anunciadora, enumerativa, associativa. Esta forma tradicional já se encontrava em poemas bíblicos, nos cantos, nos ritmos, nos salmos e na poesia mariana em latim até o século XIV. Instruíam os preceitos religiosos. Em língua vernácula Geoffrey Chaucer, Guillaume de Digueville, Juan del Encina, Lope de Vega e Luis de Camões, por exemplo, mostraram que o Abc poético não tem fronteiras linguísticas. Chegou no Brasil e constam num corpus de obras coletadas oralmente no final do século XIX e publicadas por Gustavo Barroso, A. Americano do Brasil, José Rodrigues Carvalho, Manuel Diegues, Lopes Simão Netto. Enfim entrou na literatura de cordel até hoje. Além de ser uma forma mnemônica o Abc poético assume uma função didática. Ele desenvolve temas instrutivos para a comunidade que ouve o texto e aprende-o. A noção de plenitude inscrita na expressão de "A à Z" e os desenvolvimentos enumerativos e descritivos estabelecem a celebração de um assunto ou de um personagem : segundo Câmara Cascudo, o A.B.C. é "um índice de consagração" (CASCUDO, Câmara, s.d.,p. 20). Revela o essencial, o apresentável, o honorável. É um louvor instrutivo que fica na memória (aspecto mnemotécnico) e que constitui uma recordação (aspecto memorial).

O poeta compõe uma obra que apresenta, enumera

---

9 O til já presente nos manuscritos medievais é considerado pelos poetas populares como uma letra que fecha o poema com uma estrofe conclusiva.

e classifica as partes constitutivas de um tema com discurso hiperbólico rico em imagens. Assim, as virtudes da Virgem Maria, de um santo, de Deus ou até da Igreja católica, os temas amorosos, as mulheres (amadas, temidas, criticadas), as virtudes morais, as batalhas, as biografias, as sátiras sociais e políticas, as informações sobre a saúde são temas que se prestam de bom grado à estrutura alfabética. “Alfa-verbaliza-se” o mundo.

Castilho une a poesia popular e a pedagogia. Abre o compêndio com um Abc poético (acróstico alfabético) de oito versos. A letra anunciada pela primeira palavra ecoa em outras palavras. Forma-se um inventário através de um processo de acumulação criando palavras chaves que são retomadas no final de cada estrofe **Este jogo de palavra consiste à dispersar palavras chaves numa obra poética dispondo-as num verso conclusivo.**

### C

Caí logo na **Cama** amortecido  
Pelo **Catre** buscando essa figura,  
Sombra vã só topei d’um bem perdido  
Nesta funebre **Casa**, Cova escura.  
A **Candêa** apaguei com um gemindo  
Ficando-me o **Colxão** qual pedra dura ;  
Gritei : ah ! quem me acóde, que me abraza

**Cama, Catre, Colxão, Candêa e Casa**

O método é explicado tomando em conta primeiro do som da letra para inseri-la num grupo de palavras. Apresenta a grafia e enfim a caligrafia:

Nota que as palavras Aurora, Aves, Abelhas, Ares, Aguas começam todas por um mesmo som, o qual se representa por meio da letra que vês ao lado da columna esquerda deste exemplo, e é repetida no principio das referidas palavras como vês na columna direita do mesmo exemplo. Nota mais que esta mesma letra se figura por dous modos differentes como vês no alto deste exemplo, e se chama a primeira A grande ; a segunda a pequeno<sup>10</sup> : que a letra de que usamos em nossa escripta , tem ainda outra forma como a que vês ao lado da columna direita [...] Para melhor reteres a memoria desta letra convem

<sup>10</sup> Erro tipografico ?

que te habitues a escrevê-la debaixo desta ultima forma que se chama letra de mão ou manuscripta [...] (CASTILHO, Francisco Alves, 1864, p.20).

Passa rapidamente pelas vogais onde enumera as palavras do poema não dá outros detalhes. Contudo, explica a pronúncia das consoantes usando processo mnemônico: 1) Mostra através de um pequeno esquema as correspondências, 2) As explicações sobre a pronúncia têm sentido e retomam a letras apresentadas pelo poema seguidas de uma leitura silábica. 3) Procura através do humor produzir correspondências sonoras e semânticas.

1)

**C c**

### **Cama Catre Colxão Candêa e Casa**

2) *As palavras – Cama, Catre, Colxão, Candêa e Casa, pronúncia-se dispondo a boca como quem quer escarrar ; a letra que indica este movimento acha-se separada das ditas palavras ao lado da columna esquerda do exemplo. Portanto, quando vires esta letra na escripta de qualquer palavra, é signal de que debes dispôr a garganta deste modo para pronunciar o som que se segue (salvo nos casos que adiante explicarei).*

**Para a letra R - r**

### **1. Ramo Rasto Raiz Rosto e Retrato**

*As palavras **Ramo, Rasto, Raiz, Rosto e Retrato**, começam todas por um som que se pôde prolongar como quem arremeda o rouco ruido do rodar de um carro que corre pela rua. Este som representa-se pela letra que se acha ao lado esquerdo do exemplo. Ha letra grande e letra pequena como se vê no alto do exemplo. Convem escreve-la em letra de mão, e do mesmo modo que se praticou com as letras vogues, com as quaes faremos*

*agora a seguinte leitura:*

Leitura 2<sup>a</sup>

*Rêi, réo, rua, ria, rio, rói, ráio, roía, roue, ráia*

3) Além das especificidades apresentadas acima observa-se que a cada letra compara o som com um elemento que evoca o som repetido diversas vezes portanto dando sentido e facilitando a sua memorização : com a letra **R** : “arremeda o rouco ruído do rodar de um carro que corre pela rua”, com a letra **S** “terás uma voz semelhante ao soído de uma cigarrinha que cecia no silêncio da noite”, para a letra **Z** : “terás um som semelhante ao zumbido de um besouro ouve um zangão, para a letra **X** “imita uma chiada ou bulha de cousa que chia. A chuva, por exemplo, produz ás vezes esta bulha. Para o **F** “similhante ao som que produz o fogo quando se apaga com a água”. Quando explica a letra **V** o autor escreve a sua explicação apoiando-se nas aliterações e cria um discurso bucólico repleto de pieguismo: *Has de ter notado que o vento ou a vibração do ar agitado pelo vôo de certas aves, como por exemplo, o lindo beija-flor esvoaçando por entre os ramos de odoríferas flores, produz um som agradável e continuo que o poderemos imitar proferindo separadamente e com voz prolongada o primeiro som das palavras vapor, visão, viagem, volta vento. Este mesmo som pode ser produzido pela virbação sonora e continua do vento sobre as vidraças de uma janella.*

Ou também usa do humor incentivando a memorização:

Um pai avisava à filha sobre os defeitos de certa sucia que lhe frequentava a casa

Paulo – patéta

Bazilio – bôbo

Tomé – têimôzo  
Diôgo -dôido  
Caitano -côxo  
Gõsalo – gago  
Quãta-quijila  
Minha-filha !

Após “ensinar” a leitura, a pontuação, a acentuação e a caligrafia pública, numa segunda parte, textos de “apoio” à leitura oriundos da tradição oral e da arte da galanteria. São cantigas, cançonetas, lundus uma série de poemas completada por textos de Alvarenga Peixoto. Louvam o amor e descrevem os sentimentos entre dois amantes. Em seguida, retoma a tradição floral que foi amplamente publicada em edições populares na França, na Inglaterra, em Portugal e nos Estados Unidos : a linguagem das flores, folhas, fructos e hervas, a linguagem das cores e o termómetro do amor. Esta escolha pertinente mostra uma valorização indeniável da cultura popular como apoio didático e como um processo de estruturação individual, cultural e social.

## 1. Emblema de Flora

Para falar por emblemas  
Com relação aos amores,  
Na falta d’outros systemas,  
Servem as plantas e flores

Neste conjunto poético o autor orienta suas leitoras através da apresentação do tema do amor e dos sentimentos. Ele cria um ambiente bucólico no qual flores, borboletas e beija-flores colaboram à expressividade e à louvação dos sentimentos amorosos. Eis alguns dos títulos dos poemas todos anônimos: **o Jardim de Amor, O Ramalhete das flôres, A escolha das três flôres, As Damas e a Borboleta, A ilusão do Beija-Flôr.** Numa segunda parte, o autor escolheu poemas que definem o amor e suas dificuldades: **O que é amor, Que desengano, Que desespero! Que agouro!** E com

humor intitula **Definição séria** o famigerado soneto de Camões: Amor é um fogo que arde sem se vê / é ferida que dóe e não se sente, É um descontentamento / É dôr que desatina sem dor [...].

Enfim, abre uma terceira parte na qual o "eu" lírico é descrito através das suas experiências e da sua vivência: **Retrato de amor, Efeitos do Amor**. Foram aqui impressas cantigas, luduns e baladas de autores como Domingos Caldas Barbosa, Inácio Jose de Alvarenga e Dirceo.

De fato, a linguagem floral já começa na poesia. As especificidades (cor, cheiro e por vezes as virtudes medicinais) das flores, das plantas, das ervas preservadas na memória coletiva nutrida pela travessia da tradição dão aos poetas imagens que facilitam a comunicação das inumeráveis tonalidades do sentimento amoroso. A poesia suaviza as intenções, louva as mulheres, esclarece às belezas, expressa os desamores ou as dores de um amor não correspondido. O amor é comparado a um jardim que oferece suas flores em todas as idades.

### **O Jardim do Amor**

Na madrugada do Amor  
Florescem Rosas e Lyrios,  
Ao meio dia Saudades,  
Á tarde roxo Martyrios.  
[...]  
Os Noviços vão picar-se  
Logo em espinhos de Rosas;  
Mas aos Jasmins os espertos  
Lançam as mãos afanosas.  
[...]  
Neste Jardim os Adultos  
Andam como as Borboletas ;  
Todas as flôres libando,  
Susurrando cançonetas.  
[...]

Ali o poeta como um jardineiro colhe flores para criar o seu buquê único e pessoal. A saudade transforma-se em flôr: "Vem cá minha companheira / Vem, triste e mimosa flôr, / Se tens de Saudade o nome / De saudade eu tenho a dor", o Amôr – Perfeito é "Rôxa florinha engraçada / Que tens o nome de amor", a Angélica flor da calma e da doçura: "Mosta a Angélica a alvura / Na sua modestia e forma / Qual a verdadeira norma / d'uma alma serena e pura/ Ela é toda candura". Enfim, a Rosa que tantos poetas louvaram comparado o Amor mas sobretudo às mulheres e musas ! "a rosa é das flôres / A flôr e Rainha / Tu, Rosa (nome da amada), serás / Somente a flôr minha" (CASTILHO, Francisco, 1864, p. 42).

Assim, através da linguagem bucólica e hiperbólica os sentimentos são expressos em poesia<sup>11</sup> Mas também, ainda mais original, as flores, as plantas, as ervas, as cores associadas às inúmeras emoções e atitudes quando reunidas em listas alfabéticas ajudam os amantes à se comunicarem secretamente. Por exemplo:

**Abacate:** Traição, **Amor perfeito:** existe para ti só, **Ananas:** Meiguice, **Banana maçã:** Merecimento, **Baunilha:** Amor extremoso, **Botão de cravo branco:** Espero resposta.

Ou **Afflição:** Boquinha de moça, **Espero-te-sabado:** Velludo encarnado, **Durou pouco:** Amoras moxas, **Ha novidade na casa:** Xuxu.

11 Ou em cartas. F.I.J., *Secretário dos amantes contendo muitos e diferentes modêlos de Cartas de amores, elegantemente, e com toda a modestia escripta para todas as circunstancias ; e por meio das quaes se poderá formar o espirito no genero epistolar amoroso. Opúsculo necessario, e dedicado aos Jovens de ambos os sexos*, Mathias Jose Marques da S<sup>a</sup>, Lisboa, 1842. p.33. "Quando entro em um bosque, ou em um jardim embellecido de mil florres, a rosa, o lyrio, os jasmins me embriagam com doces reminiscencias, seus cheiro suaves me recordam os perfumes da sua respiração. O lyrio me representa a sua pureza, e sua divina candura, a violeta me pinta sua encantadora modestia. Quando os zefiros agita as leves folhas, e fazem brandamente curvar os ramos dos lilas, então me parece que a esse suave murmurio mistura o som encantador da sua celeste voz".

Com as cores:

**Amarelo e escudo:** desesperação; **Carmezim:** vaidade, **Pardo escuro:** Melancolia, **Encarnado e verde:** Bom humor...

De fato, segundo Beverly Seaton em *The language of Flowers; A history* (SEATON, Beverly, 1995, p.2)<sup>12</sup>, estes poemas “florais” e até “botânicos” impressos em edições portuguesas e brasileiras poderiam pertencer ao conjunto poético tradicional impressos em folhetos populares franceses e ingleses muito em voga no século XIX - os Flowers books - Segundo Seaton a primeira publicação dos livros florais teria sido *La guirlande de Julie* publicada em 1641 a pedido do Marquês de Montausier. Como desejava oferecer flores à sua fiancée Julie Lucine d’Angennes e como naquela ocasião estavam no inverno pediu ao calígrafista Nicolas Jarry e ao pintor Nicolas Robert que criassem um manuscrito no qual haveria ilustrações e textos poéticos florais. Esta obra foi publicada em 1784 por Pierre-François Didot e em 1818 por Didot Jeune (SEATON, Beverly, 1995, p. 66).

A linguagem das flores segundo a autora teria sido uma criação dos escritores populares. São listas de nomes de flores e outras plantas que equivalem às emoções, sentimentos e situações quando dois amantes desejavam se corresponder secretamente durante uma relação amorosa (oficial ou não). Também são chamadas Dicionários ou Alfabetos. O mais antigo opúsculo publicado é o *Abécédaire de Flore ou Langage des Fleurs* de Delachénay em 1810. Contudo a proliferação destas listas começou efetivamente depois da publicação em 1819 do *Le Langage des fleurs* de Charlotte de Latour.

---

12 “Next to the language of flower book, the most popular type of sentimental flower book was the prose work with religious and moral theme. Other types of sentimental flower books – anthologies of flower poetry, flower folklores and sentimental botanies-are fewer in number, but their contents are often represented in the more eclectic language of flower books. The sentimental flower book can usually be identified by its illustrations and its bindings, since most of them were intended as gift or regard books.”



Popularizou-se na Inglaterra durante o período vitoriano e nos Estados Unidos.

Depois da publicação de Charlotte de Latour, as listas podiam aparecer acompanhadas de outros textos em prosa ou em versos, de anedotas, de descrições. Convém salientar que os livros florais e as linguagens das flores seguiam a botânica das estações. Eram presenteados no Ano Novo.

Em Portugal e no Brasil, as minhas pesquisas identificaram a presença desta "literatura botânica" e as listas de linguagem floral nos manuais de cartas de amor e nos livros de canções amorosas publicados em coleções populares entre o século XIX e o começo do século XX. Ali homens e mulheres encontravam num primeiro tempo modelos de cartas para se corresponderem dans *les règles de l'art*. E num segundo tempo, aprendiam a arte de se comunicar secretamente quando estivessem na ópera, num baile, num teatro ou até na igreja.

Para concluir, a obra apresentada é original. Através desta edição tanto jocosa como instrutiva verifica-se o dialogismo entre educação e cultura popular. De fato, Francisco Alves da Silva Castilho criou uma ferramenta didática adaptada e facilmente memorizável. Sua matéria prima: a cultura popular reconhecida pelo seu "horizonte de futuro leitores: as moças", sua intenção: ensinar a ler. Mostrou-se inovador e moderno quanto na elaboração desta ferramenta didática.

Não se sabe de que forma estes textos foram socialmente apreciados pelas "moças da burguesia carioca do século XIX" que certamente tiveram contato em seu universo privado. Parece-me claro, entretanto, que não surgem como simples caminho de aprendizagem. Oferecem um grande número de significados, estabelecem entre eles relações semânticas. As diversas vozes que ecoam na obra dão a ver um contexto social muito peculiar : o universo da galanteria no século XIX

e do universo amoroso feminino. É evidente que se o ludicismo aparece como suporte da aprendizagem sob a forma de uma contextualização pedagógica dos textos da cultura popular, é porque corresponde à idéia de que mulheres burguesas dos finais do século XIX não eram educadas à "ler", mas aprendiam a serem "boas esposas". Neste período em que estabelecia-se um verdadeiro contraste entre o rural e o urbano, os textos bucólicos correspondiam à imagem da pureza e da inocência.

## **2. O Abc poético: um Acróstico em sala de aula (século XXI)**

O conhecimento detalhado do *A.B.C. de amor* publicado no século XIX pode inspirar ações de cunho pedagógico em sala de aula no século XXI. Por um lado, o opúsculo estudado questiona sobre a importância da ludicidade como suporte de aprendizagem e no prazer como motor desta aprendizagem. Por outro lado, de que modo a prática pedagógica e a elaboração de atividades criativas em sala de aula permite levar não só o conhecimento e a aquisição de saberes mas orientar os alunos à serem atores de uma experiência vivida auditivamente, sinestesticamente e visualmente ?

De fato, hoje a formação do indivíduo e do cidadão deve ser global e deve tomar conta das exigências contemporâneas de rapidez, de *performance*, de adequação social e financeira que geram respostas imediatistas e competitivas levando ao estresse, à agressividade e à falta de concentração e de interesse. Neste sentido, o trabalho educativo lúdico e prazeroso em sala de aula que utiliza os suportes textuais escritos, orais e multimedia ajuda positivamente na construção do cidadão deste século XXI. Sabe-se que ensinar de forma lúdica colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita o processo de socialização, de comunicação, de construção do conhecimento. Facilita a aprendizagem espontânea e

natural, estimula o sentido crítico e a criatividade. Mas também colabora à “desaceleração”, à “concentração”, à busca da vida “interior” e incita a autoestima.

A preocupação do docente não é mais unicamente e somente levar material didático e pedagógico normatizado em sala de aula. Tem de orientar a sua prática dentro de uma visão mais ampla que dialogue entre a objetividade e a subjetividade, entre o concreto e o abstrato, entre a aprendizagem dos saberes e a capacidade dos alunos em integrarem estes saberes e orientá-los em direção de novas estratégias criativas e pessoais que correspondam ao uso destes conhecimentos à sua vivência. Da mesma forma, é necessário adaptar os textos e comunicá-los de forma prazerosa. Importante, também é mostrar que não é reticente em se adaptar as práticas de um mundo informatizado e mediatizado.

As atividades propostas neste artigo espelham as direções pedagógicas inscritas no *A.B.C. do amor* de Castilho (1864): aprendizagem de forma lúdica e poética das letras do alfabeto, de um corpus de palavras, da sua forma fônica e gráfica. Conhecimento de textos oriundos da tradição popular que correspondem a um tema sugerido pelo autor para que os alunos possam nomear o mundo “alfaverbalizando-o”, apropriando-se deste universo e dando-lhe o seu próprio sentido.

## **2.1 – O acróstico nominativo em sala de aula**

Respeitando a idade dos alunos, pode-se pensar na elaboração de uma cartilha sugerindo um tema específico que venha a ser significativo no momento presente. Pode ser político, social, cultural, pode estar relacionado às estações, aos dias festivos, não há limites porque o objetivo é descobrir a especificidade de um tema. Assim, o aluno passa de uma visão limitada à uma visão global. Ele aprende a pensar, a buscar, a reunir e a compor.

Neste trabalho podem ser criados textos poéticos, canções, desenhos, até dados onde aparecem as letras e dentro dos dados as palavras. Os alunos podem jogar o dado e compor palavras ou versos a partir das letras. O professor adapta e orienta os alunos comentando a prática.

A prática oral é muito importante. Os textos devem ser pronunciados e inseridos numa *performance*. Os alunos compreenderão que estão dando vida ao que produziram e ao que estão "vocalizando". Eles terão a experiência vivida : da letra sai a palavra, da palavra diz-se o universo, e o universo é a expressão de si. Oralizando o texto pode criar vida! De forma pedagógica, ela reproduz o dinamismo dos textos orais criados por poetas populares e "recriados" a cada performance pelos seus "coautores". Este processo fundamenta a literatura oral e a literatura de cordel.

Explica-se o que é o Abc poético e o acróstico nominativo. O Abc poético, é uma forma poética tradicional que pertence ao jogo poético dos acrósticos. Louva-se uma pessoa, um tema, um assunto exemplar. O acróstico nominativo - forma mais conhecida pelos professores - é uma estrofe na qual cada letra de um nome ou do assunto que se louva anuncia cada verso. Como por exemplo, neste folheto de cordel onde a estrofe inicial cita o nome do poeta LUCENA que compôs o poema<sup>13</sup>.

**L**eitor sou da Paraíba  
**U**m seu filho ou um seu membro  
**C**reia nasci no sertão  
**E**u sei afirmo me lembro

---

13 Na literatura de cordel o acróstico nominativo é um espaço poético que permite assinar as composições. Os poetas afirmam a propriedade intelectual do folheto desta forma. Esta forma de acróstico surge principalmente nas estrofes conclusiva embora neste A.B.C. ele tem a função de estrofe preambular.

**N**asci lá em vinte e sete  
**A** dezoito de dezembro<sup>14</sup>.

Ou neste cartão criado por Adrien para a festa dos pais. Ele é aluno do Ensino Fundamental numa escola francesa. A atividade foi apresentada por duas professoras em anos diferentes.



## 2.2. O Abc poético e a enumeração

O Abc poético é uma forma poética tradicional – é um acróstico alfabético - que tem como objetivo louvar um tema enunciando as suas partes constitutivas. O alfabeto as enumera, as reúne, as orienta de “A à Z”.

O aluno não só se apropria das letras do alfabeto,

14 LUCENA, Gerson, *O A.B.C. da justiça ou a lei de Chico de Brito*, nº 2102, s.e., s.d..

da sua forma gráfica (grafema) e auditiva (fonema), ele compreende paulatinamente a sua mobilidade através das palavras ou até mesmo da aprendizagem da leitura como forma de descobrimento e compreensão do mundo. De um mundo gráfico passa também pelo universo da oralidade e atravessa a ponte para a criação poética e semântica. (corresponde também à primeira atividade). O professor pode ajudar os alunos a compor um "Dicionário" de correspondências a partir de um tema. Cada letra corresponde à uma especificidade do tema escolhido. Neste poema, Domingos Caldas Barbosa no século XVIII ((SEMIK, Véronique, 2012b, p. 170), louva de "A à Z" as qualidades da amada. Aproveita para enumerar o que poderia ser um defeito.

**A é - Amante**

Não ardilosa

**B - é Benigna**

Não buliçosa

**C-é Constante**

Não curiosa [...]

Em grupo, os alunos escolhem um tema que louvam de forma positiva, mas também, se o desejarem, apresentar o aspecto negativo. O professor orienta a atividade criando debates em torno destes dois aspectos. Por um lado, incentiva o aluno a observar que as opiniões divergem entre ele porque dependem da visão de cada um ou de cada grupo, por outro procura verificar todos os aspectos de um tema. Esta atividade é criativa, mas também permite a vivência do respeito de opiniões divergentes.

### **2.3. O Abc poético e literatura popular: tradição oral e folheto de cordel**

Nesta atividade o professor explica o que é a tradição oral no Brasil e o que é o folheto de cordel no Brasil e em Portugal. Muitas atividades já estão sendo efetuadas em

torno desta temática. Projetos que visam a “despertar o senso crítico do aluno, a sua capacidade de observação da realidade social, histórica, política e econômica” (ALVES, Roberta, 2008, p. 103), que propõem aos alunos o conhecimento de um texto poético que leva à experiência verbal, escrita, musical e visual. Enfim, praticam-se a leitura em voz alta de textos e temas diversificados da literatura de cordel. O conhecimento deste material de leitura cujos temas são infinitos e cujos textos podem também variar exigem um ritmo de leitura diversificado que oferece ao aluno a experiência de uma atividade social. A prática de textos oriundos da cultura popular permite esta vivência porque foram criados para serem funcionais e exercerem uma ação social e cultural. Carlos Nogueira afirma:

Através da poesia oral (e da literatura oral e popular em geral), intimamente ligada à vida social, podemos apreender os sentimentos, os desejos e o pensamento de uma comunidade<sup>15</sup>. Ao contrário do que acontece na literatura institucionalizada, os textos poéticos orais só se realizam desde que enquadrados nas práticas quotidianas dos seus intérpretes, seja nas ocupações laborais ou religiosas (como romarias e festas de índole religiosa), seja nos momentos de lazer ou nas ocupações edificantes. (NOGUEIRA, Carlos, em fase de elaboração)

Neste sentido, o A.B.C. de cordel é interessante porque é um gênero poético didático e mnemônico. Ele louva temas específicos como objetos, cidades, situações políticas e sociais, e cria “biografias” poéticas. O aluno ao ler um folheto, um romance, adivinha ou A.B.C. impresso em folhetos de cordel entrarão em contato com leituras e universos heterogêneos. Observarão que cada “gênero” do cordel tem uma função semântica e corresponde à diferentes expectativas dos seus de “ouvintes”. Explicar de que modo os Abc poéticos da literatura oral e transformaram-se em A.B.C. de cordel. Mostrar de que forma as formas poéticas da oralidade como diálogos,

15 Entendemos por comunidade um conjunto de pessoas que partilham um espaço territorial definido unidas por um fundo cultural comum e orientadas por relações de estreita convivalidade e intimidade.

expressões e até provérbios passam a ter vida nestas obras. Criar uma atividade na qual poderão estudar comparativamente os textos poéticos tradicionais. Após terem o conhecimento da forma, da versificação e dos modos discursivos dos A.B.C. de cordel, o professor sugere em grupo a realização de algumas estrofes sobre um tema específico. Elaboram num primeiro tempo uma lista das palavras de "A à Z" que descrevem o tema e, depois podem escrever em quadras ou em sextilhas. Pode ser até um tema simples como neste A.B.C. de cordel escrito pelo poeta popular Paulo Nunes Batista.

### **A.B.C. sentimental do trânsito / Paulo Nunes Batista**

**A**tenção, seu motorista:  
Se você quer ter razão  
Obedeça, em toda pista,  
Sempre a *Sinalização*

**B**reque o carro na descida  
Faça curvas devagar,  
Se pretende a sua vida  
E a de outros conservar.

**C**orra dentro do limite  
- Carro não é avião!  
Numa curva, sempre *apite*.  
Só procure *andar na mão*.

**D**evagar ! Pista em conserto!  
Há homens a trabalhar..  
Se quer que dê tudo certo,  
Cuidado! Vá devagar!

(SEMIK, Véronique, 2012b, p.275)

### **2.4.O Abc biográfico : conquista da alteridade**

Neste século XXI, a banalização da violência, as



dificuldades econômicas, o negativismo global e o individualismo estão crescendo mundialmente. Como formador de indivíduos, o professor poderá transmitir ao aluno segurança e mostrar que cada aluno possui qualidades e competências nas quais poderão apoiar-se para crescerem. Sugiro, neste sentido, a criação de um Abc poético biográfico. Pode ser uma estrofe ou mais. Cada letra pode orientar uma palavra, um verso ou uma estrofe. O aluno escolherá um colega, pode até ser um colega com o qual não se entende. Fará a sua lista alfabética de pontos positivos que louvará numa estrofe ou mais. Ao acabar o seu poema ou a sua estrofe lerá ao seu amiguinho individualmente ou se o desejar poderá expressar-se coletivamente. Esta atividade é muito importante para desenvolver empatia, compreensão incentivando o conhecimento da alteridade. Cria abertura.

[...] Observa-se que, a cada dia que passa, o mundo contemporâneo exige mais agilidade, criatividade, rapidez de pensamento, discurso persuasivo e adequação de estilo, o que impõe à escola algo novo: levar o aluno a apropriar-se dos escritos para agir na vida (ROJO, 2006). Nesse contexto, a diversidade dos gêneros textuais ganha força em sala de aula, pois vai colocar o aluno em contato com uma gama de opções textuais, as quais, consequentemente, fornecerão diversas visões de mundo (ALVES, Roberta, 2008, p.107).

De fato, a palavra inovação, ato de inovar ou seja introduzir algo de novo num domínio pode ser sentida como oposta à tradição. Esta visão dualista é apresentada no *Dictionnaire Culturel en langue française* (REY, Alain, 2005, p. 1998) que cita as palavras Arcaísmo, Imobilismo, Rotina e Tradição como opostas à inovação. Segundo o dicionário inovar é criar algo de Novo em oposição à Copiar ou Imitar. Ademais, expressa movimento. Ora, sabe-se que os estudos sobre o caminho secular e sobre as travessias geográficas dos textos poéticos, da música tradicional, dos contos, dos provérbios, dos acalantos, dos acrósticos, do humor, das superstições, das festas... mostram que as obras são ao mesmo tempo criações

individuais e coletivas. Rejeitam plenamente esta visão dualista. A *performance* cria novos textos e novas vivências. A funcionalidade do texto faz com que seja recriado. O momento é único. Da mesma forma, quando são copiados sobre papel ou impressos, a “vocalização” do texto impedirá a sua cristalização. Portanto, cada texto tradicional é movimento e é inovador no tempo presente manifestando-se no contexto e na vivência social. A partir desta energia do texto é possível para o professor dar múltiplas funções e sentidos, adaptá-los à formação dos indivíduos na sua historicidade. Além de instruir e dar a conhecer os saberes literários faz germinar em sua sala de aula a relação interpessoal (grupos, família, trabalho) de indivíduos levados hoje à se construírem na sua globalidade através de seus comportamentos.

La gran función de la inteligencia no es conocer y hacer ciencia, sino dirigir bien el comportamiento. Y uno de eso comportamientos, pero sólo uno, es hacer ciencia. Otros son crear una familia, intevenir en política, jugar al baloncesto, tener o no tener una religión, ganarse la vida, querer a alguien, vivir en suma. Por eso, es normal que la sabiduría - el gran despleigue de la inteligencia - sea necesaria para todos, sae cual sea nuestra profesión, porque todos tenemos que tomar decisiones transcendentales en nuestas vidas (MARINA, José Antonio, 2009 *apud* SA, Lucrécio, 2014, p. 6).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia, "Então se forma a história bonita – Relações entre folhetos de cordel e literatura erudita", *In: Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 10, n.º. 22, jul. / dez. 2004, pp. 199-218.

ALVES, Roberta Monteiro, "Literatura de cordel : porque e para que trabalhar em sala de aula", *In: Revista Forum identidades*, ano 2, vol. 4, 2008, p. 103. *In: [http://200.17.141.110/periodicos/revista\\_forum\\_identidades/revistas/ARQ\\_FORUM\\_IND\\_4/SESSAO\\_L\\_FORUM\\_Pg\\_103\\_109.pdf](http://200.17.141.110/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_IND_4/SESSAO_L_FORUM_Pg_103_109.pdf)*

CASTILHO, Francisco Alves da Silva, **Obras Completas de A. F. de Castilho**, Lisboa, Empresa da História de Portugal, 1908.

CASTILHO, Francisco Alves da Silva, **O ABC de amor ou methodo ameno de ensinar a ler ás moças conforme o systema da escola Brasileira seguido de uma mimosa collecção de poesias amorosas e ternas extrahidas dos melhores poetas além do dictionario das flores da explicação das côres e do thermometro do amor** . Rio de Janeiro, Eduardo & Henrique Laemmert, 1864.

CATENACCI, Vivian, **Cultura popular: entre a tradição e a transformação**", *In: <http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n2/8574.pdf>*

**Cultura popular e educação**. Salto para o futuro, Ministério da Educação:  
[http://salto.acerp.org.br/saltotvescola/imagens/livros/livro\\_salto\\_cultura\\_popular\\_e\\_educacao.pdf](http://salto.acerp.org.br/saltotvescola/imagens/livros/livro_salto_cultura_popular_e_educacao.pdf)

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro, Ediouro, s.d..

MAGALHAES, Justino Pereira, "Linhas de investigação em história da Alfabetização em Portugal. Um domínio do conhecimento em renovação". *In: Comunicação apresentada no I Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*, Lisboa, 23 a 26 de janeiro de 1996.

MORTATTI, Maria Rosário Longo, "**História dos métodos de alfabetização no Brasil**". *In: file:///C:/Documents%20and%20Settings/SEMIK/Mes%20documents/REVISTA%20SOCIOPOETICA/historia%20das%20cartilhas%20e%20da%20aprendizagem%20da%20leitura.pdf*

GASPARELLO, Arlette Medeiros Gasparello, VILLELA, Heloisa de

Oliveira Santos Villela, "**O discurso educacional no século XIX: a Nova pedagogia em questão**", Universidade Federal Fluminense. *In*: [http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/405ArletteGasparello\\_e\\_HeloisaVillela.pdf](http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/405ArletteGasparello_e_HeloisaVillela.pdf)

PEREIRA, Kelly Mendonça Júlio de Souza, "**A emergência de escritores nacionais** : o caso do professor Francisco Alves Castilho". *In* : <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/401.pdf>

REY, Alain, **Dictionnaire Culturel en langue française**, Le Robert, 2005.

SA (Jr), Lucrécio Araújo, "Iniciação à docência : porque tornar a escola um espaço de formação ?". *In*: **Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciência da Educação**, UTAD, Vila Real, 11 de setembro a 13 de setembro de 2014.

SEATON, Beverly, **The Language of flower** : a history, Library of Congress, University of Virginia Press, 1995.

SEMIK, Véronique Le Dü da Silva (a), **De l'Abc poétique à l'A.B.C. de cordel au Brésil : une forme poétique traditionnelle de « A à Z »**, Paris, l'Harmattan, 2012.

SEMIK, Véronique Le Dü da Silva (b), *Lições em poesia. O A.B.C. de Cordel no Brasil*: um Abc poético em folheto, Lisboa, Edições Colibri, 2012.

SEMIK, Véronique Le Dü da Silva, "**Itinéraire d'un poème composé de "A à Z", Manuscrit, Cancioneiro, folheto de cordel et imprimé**" *In*: *Escritural. Escritures d'Amérique Latine*, [http://www.mshs.univ-poitiers.fr/crla/contenidos/ESCRITURAL/ESCRITURAL6/ESCRITURAL\\_6\\_SITIO/PAGES/LeDu.html](http://www.mshs.univ-poitiers.fr/crla/contenidos/ESCRITURAL/ESCRITURAL6/ESCRITURAL_6_SITIO/PAGES/LeDu.html)

TEIXEIRA, Giselle Baptista, "**Livros escolares no século XIX** : a presença de Pestalozzi", trabalho desenvolvido no âmbito do projeto de pesquisa intitulado A Instrução inspecionada – Formulação, implantação e funcionamento da Inspectoria Geral da Instrução Primária e Secundária da Corte do Núcleo de Ensino e Pesquisa em História da Educação da UERJ com o apoio do CNPq.

TESSARO, Josiane Patrícia, JORDAO, Ana Paula Martinez, "Discutindo a importância dos jogos e atividades em sala de aula". *In*: **Psicologia.com. pt, o portal dos psicólogos**, 02/08/2007. <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0356.pdf>